



### 3. O Homem – Ao Encontro de Távora entre Ocidente e Oriente

Se é possível admitir que esta viagem contribui para o crescimento e formação de Távora como arquitecto e professor, nela se podem perceber, em muitas situações, um contributo para a definição da sua individualidade. Muitas vezes o confronto com realidades tão diversas e opostas o levou a reflectir, elogiar, criticar e finalmente a tomar partidos. Estas observações, mais pessoais, ganham por vezes a forma de desabaços, de afirmações entusiasmadas, outras vezes são críticas severas; mas, no final, ajudam a perceber e a construir um perfil, em parte já conhecido, de Fernando Távora.

#### Távora e a América

Uma das observações que Távora faz sobre EUA, é a existência de acentuados contrastes.

Na arquitectura realça, nas cidades, o contraste entre construções novas, de proporções enormes, que vivem lado a lado com edifícios de pequenas dimensões, de carácter doméstico. A América é símbolo do progresso, em que as máquinas são o instrumento essencial. A tecnologia permite, através de novos sistemas construtivos, projectar edifícios com novas linguagens, mas, ao mesmo tempo, *apaga* o seu valor humano.

Para Távora, tornou-se claro nesta viagem, a arquitectura racionalista/funcionalista representa coisa ultrapassada. Na arquitectura, Távora procura, e procurará, o *humanismo* integrado, a síntese da função com o cuidado dos espaços pensados para o homem, a atenção aos materiais, a relação com o sítio, a originalidade, enfim, a criação de “felicidade”.<sup>352</sup>

Nos centros das cidades americanas convivem, *tranquilamente*, os bairros (slums) degradados, em ambiente de extrema pobreza, e quarteirões com arranha-céus de escritórios, onde o preço do m2 atinge valores extraordinariamente altos.

Os Estado Unidos são um laboratório de experiências. Experiências essas que “As possibilidades económicas e sociais da nação permitem e forçam”<sup>353</sup>

A crítica à América é também uma revisão crítica à arquitectura moderna, ao modo de vida materialista, à cultura avulsa e empacotada, à máquina em prejuízo da vida, etc.

“Dezenas de anos à frente dos ambientes europeus, os arquitectos americanos já puderam verificar os erros tremendos a que nos pode levar uma mecanização imposta pela técnica pura.”<sup>354</sup> Esta afirmação de Fernandes Pinto, concordante com a de Távora, apenas erra quando fala de arquitectos

---

<sup>352</sup> Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, *idem*, pag.75.

<sup>353</sup> Luís F. Pinto, “O momento actual da evolução americana”, in *Revista Arquitectura*, nº65, *idem*, pag.35.

<sup>354</sup> *Ibidem*, pag.37.

americanos, pois nos EUA a maior parte dos arquitectos de vanguarda eram, de facto, europeus emigrados.<sup>355</sup>

Os centros desintegrados são o oposto das novas periferias lotadas com a classe média ou média alta que não encontra, no núcleo das cidades, espaços de segurança e de lazer para *criar* famílias.

Apesar de serem feitos todos os estudos imagináveis sobre o planeamento da cidade e do seu crescimento, na prática, esse esforço fica muito aquém do desejado. Uma das principais críticas de Távora é a inexistência jardins públicos ou praças onde se possa simplesmente estar.

Sobre a qualidade de vida do americano médio Távora refere aquilo que chama o “fado de gastar”. Os trabalhadores fabris, por exemplo, trabalham 8 horas por dia a fazer a mesma tarefa, repetidamente, mas todos tinham televisão e automóvel.

Embora o americano comum tivesse capacidade financeira e um poder de compra razoável, a todo o momento é solicitado, pela publicidade e propaganda a gastá-lo.

Na verdade julgo que Távora critica esta compulsão para fazer e gastar dinheiro, que é afinal o capitalismo, como uma forma errada e enganosa de *comprar* uma felicidade que é, na sua opinião, apenas artificial e material.

Távora refere-se muitas vezes aos valores familiares, aos valores culturais, aos valores humanos e naturais que estão simplesmente esquecidos na sociedade americana.

Os mesmos valores parecem estar também ausentes da arquitectura *nova* que vai descobrindo. A única excepção é, como já referi, Frank Lloyd Wright.

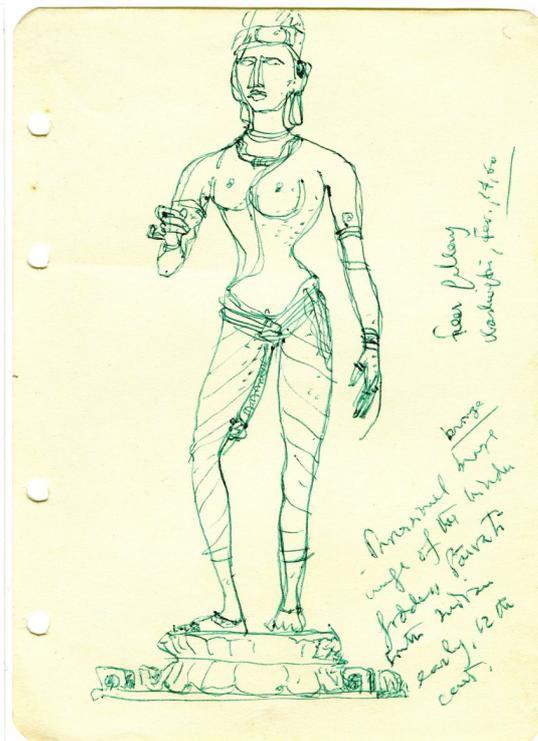
Ao longo destes quatro meses Távora visitará museus em todo o mundo.

Os museus americanos são em grande número e estão, particularmente, carregados de obras de arte, as quais raramente são americanas. Existe de facto o hábito de ir ao museu o que é, segundo Távora, positivo; mas, por outro lado, esta visita é feita com carácter de visita de domingo, sem que se olhe, de facto, para o que se está a ver e, funcionando o museu como um lugar de *purificação* da mente depois da semana dedicada ao consumo.<sup>356</sup>

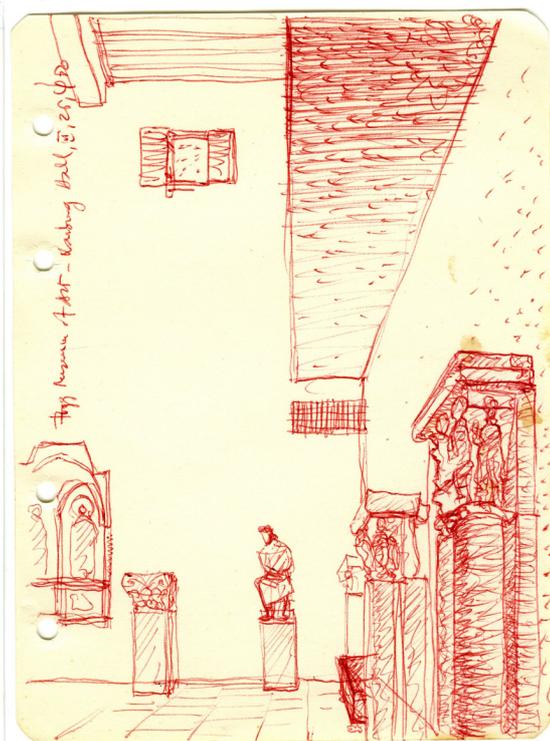
---

<sup>355</sup>“Um dos aspectos mais salientes do mundo contemporâneo é, certamente, o da generalização progressiva da cultura europeia a todos os povos da terra” (...) “os Estados Unidos da América constituem o país que mais profundamente se entregou à concretização, até às suas consequências últimas, da cultura europeia, pois que enquanto a Europa apesar de criadora – e até talvez por isso mesmo – olha por vezes com certo receio para as suas próprias descobertas, aquele país, constituído fundamentalmente por emigrantes que aí procuravam a liberdade política e o bem-estar económico, entregou-se totalmente, e sobretudo, à aplicação prática de tais descobertas, criando conceitos e formas de vida que vêm agora, como é natural, não só a própria Europa como também o resto do mundo e daí resultando uma experiência que, tanto nos seus aspectos positivos como nos seus aspectos negativos, é de extremo valor para todos.” (Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, *idem*, pag.29 e pag.31.)

<sup>356</sup>“para elevar o espírito, (Fernando Távora, *Diário 1960*, *idem*, pag.227.)



**fig.249** desenho, Smithsonian Institution, Washington, Fev.14.60, Diário de viagem, 1960, pag.008, A.A.F.T.



**fig.250** desenho, Fogg Art Museum, Boston, 26.4.60, Diário de viagem, 1960, pag.182a, A.A.F.T.

A Ford, por exemplo, era sinónimo de progresso, mas o próprio Henry Ford tinha a nostalgia do antigo, coleccionando todo o tipo de objectos velhos – talvez, como escreve Távora, (...)“para tranquilizar o espírito!”<sup>357</sup>

A mesma crítica é feita à forma como os americanos vivem a religião. Távora, sabemos, de educação tradicional e católica, não faltará à missa dominical, seja qual for a cidade onde se instala. Descreve uma religião com “carácter higiénico da pastilha que se toma aos domingos” e sem fervor religioso.

“Sozinho, no meio de uma multidão estúpida, automóveis, pó e barulho por todo o lado, sem um banco para me sentar, entrei autenticamente em crise. (Nada também de notícias da Família, etc.)”<sup>358</sup>

Távora não esconde a sua desilusão. A agitação e o caos espacial da maioria das cidades não são o seu ambiente de eleição e, embora Távora chame a atenção para muitos pontos positivos, como é o caso da investigação científica ligada ao planeamento da cidade, o saldo final sobre este país é claramente negativo.

“(devo dizer que a minha atitude perante a U.S.A. vai sendo cada vez de desilusão e de cepticismo, conforme o tempo vai passando e eu vou pensando no que vi e ouvi)”<sup>359</sup>.

<sup>357</sup> *Ibidem*, pag.216a.

<sup>358</sup> *Ibidem*, pag.196a.

<sup>359</sup> *Ibidem*, pag.381.

A escapadela para o México foi, julgo, uma procura desses valores perdidos. Embora critique alguns aspectos da sociedade mexicana, nomeadamente o funcionamento das instituições públicas e um certo *primitivismo* generalizado da vida urbana, características aliás mais próximas das portuguesas, são também essas características que, assume, lhe *falam*. A falta de pontualidade, um autocarro de quinta categoria, uma refeição que, pela primeira vez, lhe sabe bem, a tourada, a religião e o calor humano são boas e más qualidades específicas do México mas, ao mesmo tempo, muito familiares.

#### Távora no Oriente

A viagem de Távora é feita contra o tempo, ou seja, começa a ocidente, nos EUA e na actualidade e vai recuando no tempo, em direcção a oriente e ao passado, até alcançar a longínqua Acrópole na Grécia. A oriente Távora encontra o Japão que, em conjunto com a Acrópole e Frank Lloyd Wright, serão, na minha opinião, os pontos altos desta viagem. Balbek, Karachi e Egipto serão menos reveladores.

A Grécia é o modelo, mas é o modelo que ficou para trás na história. O Japão é história mas é também contemporaneidade e é equilíbrio entre presente e passado.

Távora caminha para o passado onde encontra, ainda, coerência e harmonia. Vê-se reflectido no cuidado e atenção dada aos pormenores no Japão, na preocupação com a organização do espaço construído comum nos japoneses e nos gregos; vê-se identificado nos significados dos rituais da sociedade japonesa e nas suas consequências na arquitectura e no desenho que acompanham esse modo de vida, nos valores da antiga sociedade grega, no respeito, compreensão e integração da natureza e seus elementos, como a água e a terra, na vida quotidiana e consequentemente na arquitectura japonesas.



**fig.251** desenho, “portas (pré-fabricadas?), o carpinteiro do antigo Japão e do futuro (?). Rua em Kyoto. A casa é característica. Maio.22.1960”, A.A.F.T.

“Ah! O Japão, o Japão!

Eu permito-me definir o Japão como um país inteligente e sensível que tomou chá em pequeno. Como inteligente e sensível, um país que faz o que quiser, como quiser, bem feito e belo, seja um kimono, seja um automóvel, seja um templo, seja um jardim; porque tomou chá em pequeno, um país onde a afabilidade, a amabilidade e a boa educação são norma. (a boa educação e a amabilidade estão a desaparecer do mundo para serem substituídas por uma coisa que não pode chamar-se má educação ou pouca amabilidade – o que é alguma coisa porque marca uma atitude – mas que deve chamar-se (?) ou amabilidade maquinal – o que não é nada. Protótipo: as stewardess da Pan American. Uma máquina não é bem ou mal educada, amável ou desagradável – cumpre.

No mundo americano as pessoas não podem propriamente apelidar-se de desagradáveis ou mal educadas, apenas cumprem como máquinas.” (...)

“Mas tudo o que há de humano, criador e espontâneo nas relações está em via de desaparecimento, creio).

Ora o Japão... apesar de produzir automóveis, viajar em jactos, beber coca-cola, dançar o mambo, etc. etc., isto é apesar de ser vítima forçosa da civilização contemporânea tem paralelamente – ainda e por quanto tempo – mil e uma pequenas/grandes qualidades dos homens do passado.

País das caixinhas e embrulhos ((?) para tudo primorosamente embrulhado), de janelas requintadas, de fitas e bandeiras, de cerimónias (do chá às flores, do tokonoma aos festivais) e de vénias, de graça e subtileza nas mulheres (requintadas nas Kaikan e nas Geishas), de kimonos e guarda-sóis, de mãos que sabem tocar nas coisas como nunca vi, de interesse e curiosidade extraordinários, de jardins de 0,50m<sup>2</sup> ou de grandes parques, de templetes ou de grandes conjuntos monumentais, de peixinhos vermelhos, de caixas futon em número infinito, de passeios e entradas sempre molhados para receber melhor, país onde o banho é qualquer coisa, de belíssimas e boas comidas (um prato de peixe cru é uma obra de arte com as cores e formas escolhidas), de grandes festivais com sedas, armas e (?), etc. etc., o Japão é, porventura único no mundo.

Creio que em tempo nenhum, a inteligência, a beleza e as boas maneiras penetram, como no Japão, tão densamente em todas as camadas da população.

Se o país tiver juízo – isto é se se livrar do (jogo?) americano e não cair em mãos dessas, - se continuar a ser Japão – está-lhe ainda destinado um extraordinário futuro.”<sup>360</sup>

### A *marca* da viagem

Esta viagem marca, do meu ponto de vista, o momento em que Távora clarifica alguns dos temas que o acompanhavam desde a sua formação. Os EUA acabam definitivamente com o mito do progresso como resposta aos problemas da sociedade, fecha definitivamente o capítulo da arquitectura racionalista como resposta (a casa de Gropius só lhe pareceu um frigorífico pousado numa colina depois de ver Taliesin).

---

<sup>360</sup>*Ibidem*, pag.375 – 376a.

Acentua a importância dada à história e aos hábitos de cada sociedade e sua consequente transposição para a produção do homem. Este tema, como sabemos, não era novo para Távora. “O Problema da Casa Portuguesa” era, no fundo, uma reflexão sobre esta “correlação espaço-tempo”<sup>361</sup> de que fala José António Bandeirinha.

A viagem de 1960 contribui também para acentuar a necessidade da experiência e da prática na capacidade de evolução e determinar, que a perfeição só se atinge pela acumulação da experiência teórica e prática – é assim nas cidades americanas; é assim das primeiras casas de Wright em Oak Park, para as últimas; é assim na Taliesin East e de uma Taliesin para a outra; é assim nas duas fases da Lake Shore Drive, de Mies; é assim no artesanato japonês; na evolução do Theseion para o Partenon e, finalmente, é assim com Távora.

---

<sup>361</sup>J. António Bandeirinha, *Quinas Vivas*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1993, pag.93.

### III CAPÍTULO

#### 1. Análise Sistemática

##### a. Invariantes de observação

Se analisarmos a viagem do ponto de vista da identificação de permanências, podem ser encontradas referências que demonstram, por repetição, um modo de estar do arquitecto, do seu discurso e das suas opiniões.

Em primeiro lugar, o seu discurso é muito *Zeviano*, isto quer dizer, na minha opinião que, de facto, como referi no início deste trabalho, a “História da Arquitectura Moderna”, estava muito presente e tinha muito influência, como filtro, na percepção da realidade observada. Percebemos isso quer quando Távora faz referências directas à obra de Bruno Zevi, quer na forma como constrói o seu discurso sobre a oposição entre arquitectura funcionalista e arquitectura orgânica, quer nos temas e expressões tocados. (a arquitectura gótica, a arquitectura como poesia são dois desses exemplos).

Em segundo lugar é possível perceber a importância da obra “Que é a Arte?” de Abel Salazar, sobretudo no entendimento e aceitação do *percurso histórico* da arte e da arquitectura desde a Grécia, bem como a consciência do “fenómeno de universalização da cultura”<sup>362</sup> que, embora evoluindo a partir de um mesmo princípio, será sempre diferente em função dos valores autóctones.<sup>363</sup>

Este Diário constrói-se, do meu ponto de vista, de forma autónoma mas sobre uma rede que poderia ser a intercepção/comunhão destas duas obras.

- Uma das constantes desta viagem, quer estivesse nos EUA ou no Japão era a procura de respostas – mais concretamente a procura de soluções para os problemas do ensino da arquitectura e do urbanismo e para a prática destas duas disciplinas aplicadas à cidade. Esta procura nunca desapareceu.

- A comparação sistemática com Portugal é um dos temas que está, também, presente ao longo dos quatro meses. Nas escolas e cidades americanas; no “calor” e gastronomia da cidade do México, ou no artesanato japonês.

- A surpresa está também muitas vezes evidente no texto. Távora refere umas vezes o facto de o que está a ver, já ser conhecido através de imagens e textos e, outras vezes, por o que observa não se parecer com o que determinada imagem ou descrição fazia supor. Chamando

---

<sup>362</sup> Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, *idem*, pag.29.

<sup>363</sup> *Ibidem*.

a atenção para a relação entre ideia formada ou estereotipada de uma cidade, que advém do conhecimento da história e, depois da cidade experimentada, o registo dessa nova realidade.

- A organização do espaço é um dos temas que sobressai no texto de Távora, particularmente a análise das relações volumétricas – na observação da cidade de Washington e na frente ribeirinha de Boston, de uma obra de Wright, nas pirâmides de Gizé, nos templos Japoneses e na Acrópole. A relação dos volumes e dos espaços intersticiais por eles criados, é muitas vezes descrita e reflecte o seu modo de ver a arquitectura. Este cuidado, com a organização do espaço, será também o reflexo do seu próprio modo de fazer arquitectura.

Távora está menos interessado nas questões de pormenor dos edifícios. Nos templos japoneses, excepcionalmente, produz desenhos com algum detalhe – encaixes de elementos de madeira, modulação definida pelos tatamis e materiais diferenciados que compõem o desenho dum jardim japonês.

- A questão dos materiais é a sempre importante, presente na comparação entre Wright e Mies, na descrição do edifício Singer em Nova Iorque, da materialidade da pedra das pirâmides de Gizé, dum edifício grego, ou na leveza das portas de correr de Katsura.

- A integração das artes era um dos temas recorrentes em 1960, Távora olha para muitos dos edifícios tendo como filtro esta problemática – identificando, em todos, se estão ou não integradas a arquitectura, escultura e pintura. Veja-se o caso de Wright, do edifício de escritórios da Ford, ou dum templo japonês.

- A dualidade funcionalismo organicismo, da arquitectura moderna e contemporânea, é outro assunto recorrente no texto. Está muito presente a crítica à máquina.

- A perenidade ou “eternidade” da arquitectura de que fala Távora insistentemente é um valor que considera inerente à boa arquitectura e, por isso que serve de instrumento de medida da qualidade para o que vai observando.

- O encanto com o que é original e genuíno, do que é afinal específico de uma civilização.<sup>364</sup>

A História de cada país, cidade ou lugar, faz parte dessa especificidade e é olhada como instrumento para actuar no presente e pensar no futuro.

- A prática e a experiência como instrumentos fundamentais em todos os sectores da vida. Na arquitectura, Távora defende a síntese do conhecimento teórico (disciplinar) com a realidade local e todas as suas condicionantes.

- No seu discurso arquitectónico há palavras que representam não só o que valoriza relativamente ao que vai vendo, mas também, creio, aquilo que acredita ser o caminho no trabalho do arquitecto, e que serve de mote, ao seu próprio trabalho. Tranquilidade,

---

<sup>364</sup>“as grandes obras e as grandes realidades pertencem não a indivíduos, mas a uma comunidade constituída não só pelos presentes como pelos que hão-de vir” (Fernando Távora, *O Problema da Casa Portuguesa*, *idem*, pag.13.)

naturalidade, eternidade, belo, (perfeitamente) ligado, integridade, sábia, riqueza, liberdade, (são um) todo, conjunto, valor; são estas, as chaves da boa arquitectura.<sup>365</sup>

Estas *características* um pouco abstractas, identificadas por Távora não constituem aquilo a que vulgarmente se chama um *estilo*. Talvez por isso a sua arquitectura, tão impregnada destas mesmas qualidades, seja tão difícil de *catalogar*.

#### **b. Invariantes dos métodos de registo**

Távora usa essencialmente três métodos de registo. O Diário, instrumento essencial, onde, como já referi, descreve toda a viagem e que tem como principal objectivo servir de base a um relatório para a Fundação Calouste Gulbenkian.

A máquina fotográfica com a qual faz cerca de 20 rolos de diapositivos e que são o método mais usado para documentar, com imagens, toda a viagem. Ou seja, Távora usa a máquina praticamente em todas as cidades e regista, sobretudo, catalogando.

O desenho é menos usado, mas o seu caderno de desenhos, é dedicado particularmente aos lugares e obras que mais apreciou e sobre as quais reflectiu mais cuidadosamente.

- A máquina fotográfica é usada um pouco despreocupadamente. Na maioria dos casos os slides representam grandes planos, demonstrando um interesse mais abrangente dos objectos fotografados e menos as particularidades desses mesmos objectos.

Excepcionalmente, a fotografia é usada para registar um detalhe ou um pormenor. Essas excepções acontecem com a obra de Frank Lloyd Wright, no pequeno cemitério de Taliesin East ou no interior de Taliesin West; em Teotihuacan, numa figura esculpida na pedra da pirâmide do Sol; ou nos templos e jardins japoneses, num detalhe dos pavimentos. Esta aproximação ao objecto nunca acontece nas grandes cidades como Chicago ou Tóquio.

- O desenho é usado sobretudo quando pretende *conhecer melhor* o objecto em causa.

Para desenhar, Távora necessita de tempo e de tranquilidade, dois factores que inviabilizaram, quase por completo, este exercício nos EUA. Neste país apenas nos museus Távora consegue sentir o apelo para o desenho. Apelo que se irá repetir em quase todos os museus que visita durante a viagem.

No Japão e na Grécia, Távora faz maior uso do desenho como forma de aproximação e conhecimento dos lugares o que mostra, não só, ter encontrado aí a tranquilidade que

---

<sup>365</sup>Távora “Qualifica sem rodeios a “boa Arquitectura” como aquela em que existe “uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.” (J. António Bandeirinha, *Quinas Vivas*, idem, pag.81.)

necessitava para os fazer, mas também, que procura uma maior *intimidade* com os objectos. Este facto representa ainda uma vontade de identificar características muito particulares que o arquitecto observa e quer mostrar. Embora continue a fazer o uso da máquina fotográfica, Távora não se contenta com a imagem abrangente do diapositivo, procurando apontar especificamente uma ou outra particularidade do lugar e, muitas vezes, acrescentando anotações escritas. O nível de relação é mais profundo, existe maior compromisso e proximidade.

Porque é um desenho que procura compreender o objecto observado, as anotações são, umas vezes, descritivas e mais reflexivas noutras.

O desenho é normalmente a *simples* tradução do que observa. É realizado apenas com esferográfica preta ou de cor. É um desenho pouco romântico, no sentido em que retrata a realidade com bastante fidelidade e alguma depuração.

## 2. Relatório Omisso e suas Consequências

Sabemos já, que Távora tinha o compromisso de entregar um relatório da viagem à Fundação Calouste Gulbenkian, bem como realizar conferências sobre a viagem após a sua chegada.

A 7 de Junho de 1961 Távora recebe uma carta<sup>366</sup> da Fundação, a solicitar o relatório que, passado um ano, ainda não tinha sido entregue.

Pelo número de páginas que existem no arquivo do arquitecto, com *rascunhos* para um relatório, imagino que Távora tenha feito um enorme esforço para o entregar, o que, aliás, nunca aconteceu.

Já durante a viagem, queixa-se dessa obrigação ao ter que enviar elementos para Portugal e desabafa dizendo, que “O pior... ainda está para vir... tese, discussões... trabalho... tudo afinal para nada.”<sup>367</sup>

Encontrei também um rascunho de uma carta para um Sr. (Dantas?), que julgo ser alguma pessoa amiga, ligada à F.C.G. e, embora não possa ter a certeza se alguma vez foi entregue, pelo menos mostra-nos as razões de Távora para o atraso na entrega do relatório de viagem.

“Sr. (Dantas?)

O nosso comum amigo, Mestre Carlos Ramos, tem-me manifestado a sua vontade de que eu entregue o mais rapidamente possível o meu Relatório da viagem e as suas preocupações pelo facto de não o ter ainda entregue.

Quero antes de tudo apresentar-lhe as minhas desculpas para logo depois lhe comunicar que após dúvidas e dúvidas, creio ter conseguido encontrar o esquema óptimo para o Relatório e estar neste momento a desenvolver os vários pontos do tal esquema.

Ao facto de eu não ser “fácil” como escritor (ou escrevinhador) junta-se a dificuldade de condensar tanta coisa vista e pensada nesses 4 meses e, ainda, a circunstância de que o tempo da minha ausência complicou de tal modo a minha vida profissional que ainda agora lhe sinto as consequências, não dispense portanto do tempo necessário para me dedicar tão intensamente quanto desejaria ao Relatório.

Duas coisas, porém, (Sr. Dantas?), lhe posso garantir: a primeira é a de que entregarei o Relatório; a segunda é de que tal Relatório não me envergonhará perante essa Fundação que tão generosamente me concedeu uma Bolsa.

Renovando as minhas desculpas, peço-lhe me (?), Sr. (Dantas?), muito grato e sempre ao seu dispor.”<sup>368</sup>

---

<sup>366</sup> “Caríssimo Távora Desculpe os termos burocráticos mas seria realmente de toda a conveniência que “liquidássemos” a questão da sua bolsa que está presa... pelo relatório. Um abraço do (?)” Nota manuscrita na carta da F.C.G. solicitando o relatório de viagem, 7 de Junho de 1961, A.A.F.T.

<sup>367</sup> Fernando Távora, *Diário 1960*, *idem*, pag.184.

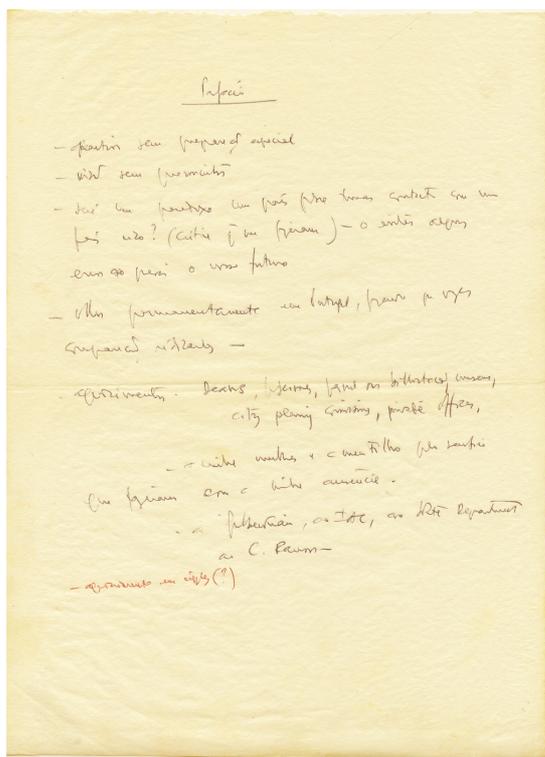
<sup>368</sup> Rascunho manuscrito de carta para Sr. (Dantas?) a justificar a falta do relatório de viagem, s.l., s.d., A.A.F.T.

Para além das justificações apresentadas por Távora, nesta carta, acredito que uma das razões que terá contribuído para alguma falta de vontade na realização deste relatório, terá sido o facto de se ter interessado mais pelo programa *extra* Bolsa, como os templos japoneses ou a Acrópole, do que pelas universidades americanas ou a conferência sobre design.

Procurarei analisar estes esboços do relatório com alguma brevidade e concisão, em primeiro lugar porque não existe o documento final (sendo estas, apenas intenções) e, em segundo lugar, porque este esboço do relatório, embora com uma estrutura própria, é o reflexo dos temas tratados no Diário de viagem que, foram já apresentados nos pontos anteriores desta tese.

Das cerca de quarenta páginas A4 em que Távora procura estruturar o seu relatório apenas focarei aquelas onde é mais clara a organização dos temas e as intenções.

Apesar de nunca ter entregue um relatório à F.C.G., Távora elaborou um rascunho já organizado por capítulos, embora muito incompleto, que representa, imagino, o que poderia ter sido esse texto. O rascunho do relatório constitui uma espécie de revisão do texto do Diário. É curioso perceber que essa revisão implicou ou obrigou, aqui e ali, à alteração de posturas ou abordagens face ao que registou, *a quente*, no Diário.



No “Prefácio” do rascunho aponta alguns partidos que teria tomado. Esta teria sido uma viagem para a qual o arquitecto tinha ido sem qualquer preparação especial e em relação à qual tinha como referência constante, Portugal. Távora olhava para o “novo” com os “Olhos permanentemente em Portugal, fazendo por vezes comparações ridículas” mas que tinham como objectivo último, “evitar alguns erros ao pensar o nosso futuro”<sup>369</sup>.

Távora diz também, no prefácio, que parte para esta viagem com uma “visão sem preconceitos”. Não é fácil aceitar esta afirmação perante as descrições de algumas obras *Modernas*, e percebendo a *presença* de Bruno Zevi no pano de fundo.

fig.252 “Prefácio”, Rascunho do relatório para a F.C.G., A.A.F.T.

<sup>369</sup>Fig.252 – “Prefácio”, Rascunho do relatório para a F.C.G., s.l., s.d., A.A.F.T.



8 - Libano

8.1 - Beirut - Acôrde . o usen .

8.2 - Baalbek -

9 - Egipto

9.1 - Cairo - Imperios floris - usen

9.2 - figela -

9.3 - Abutia tzer.

10 - Grecia .

10.1 - Atenas . Imperios floris

10.2 - A acôrde

11 - Documentos e bibliografia ; notação .  
 - livro compendio , Notamento de  
 - foto fotos  
 - diário  
 - objectos compendio

fig.254 "B", Rascunho do relatório para a F.C.G., A.A.F

“ Transcrever passagens do Diário ilustrar com desenhos

1. Introdução e agradecimentos {Fundação

D. Maria José Mendonça  
Dr. Artur (Embaixada)  
I.A.C.  
Arq. Carlos Ramos  
Todos

2. Objectivos e itinerário da viagem – cidades as q desisti e suas razões

- a organização da viagem em Washington} mapa com dias
- I.A.C.

3. Estados Unidos da América

3.1. Impressões Gerais – o museu, sua (aberração?) – relações pessoais – as cidades) – a questão racial – a abundância

3.2. Ensino (Arq., Urbanismo, Paisagismo) – não conheci o valor médio do ensino porque escolhi as melhores escolas – Taliesin

3.3.Arquitectura

Tradicional – Filadélfia  
Moderna Clássica – { Wright } “Form Givers”  
Mies  
Recentes – (desorientação?) – Paul Rudolph

3.4. Urbanismo | A extensa bibliografia – citá-la | – planning and democracy – qualificação do “planner” – escalas de planeamento

- nacional
- regional

|Tennessee Valley  
|New York

- local – comissões  
(New Haven)  
Filadélfia – (lei?) urbanística.

- Tráfego
- Housing – Urban renewal
- Suburbanismo – [reurban]

Organizações profissionais – AIP – ASPO

3.5. Museus – os visitados – comentários – o de Milwaukee

- o Ford

3.6. Outras actividades – Detroit – etc.

4. México

4.1. Impressões gerais – razão da visita

4.1. Arq. Contemporânea

4.2. O museu nacional

4.3. Tehotihuacan

5. Japão

5.1. Impressões gerais – Tradição e modernidade, Tokyo v. Kyoto, não necessita de museus.

relações pessoais – o design no Japão – as cidades

5.2. A “World Design Conference (WODECO) – o que seja “design”.

5.3. Arquitectura Antiga (cidade de Kyoto)

#### 5.4. Arquitectura Contemporânea

#### 6. Tailândia

##### 6.1. Bangkok – impressões gerais – os templos visitados

#### 7. Paquistão

##### 7.1. Karachi – impressões gerais

#### 8. Líbano

##### 8.1. Beirute – A cidade – o museu.

##### 8.2. Baalbeck.

#### 9. Egipto

##### 9.1. Cairo – Impressões gerais – museu

##### 9.2. Gizeh

##### 9.3. Abusir e Zoser.

#### 10. Grécia

##### 10.1. Atenas. Impressões gerais

##### 10.2. A acrópole

#### 11. Documentação e bibliografia; recordações. { - livros comprados, documentos dados

- fotos feitas

- diário

- objectos comprados<sup>370</sup>

Quando, neste índice, Távora põe Mies e Wright no mesmo plano de valor – no mesmo patamar – Távora não está a mostrar o que pensa dos dois, está antes a fazer um esforço de integração histórica, isenta, das arquitecturas que viu e que considera mais relevantes.

Da mesma forma na folha **3**, quando elabora uma lista de tópicos no ponto 3.1., escreve: “Impressões Gerais – neste relatório evitar mil e uma impressões pessoais – a importância da visita aos U.S.A. para nós – a dimensão – a técnica – a América prolongamento da cultura ocidental com aspectos novos – a abundância – a escala humana – relações pessoais – o frenesi constante – a questão racial –

- as cidades

- o museu – sua aberração.”<sup>371</sup>

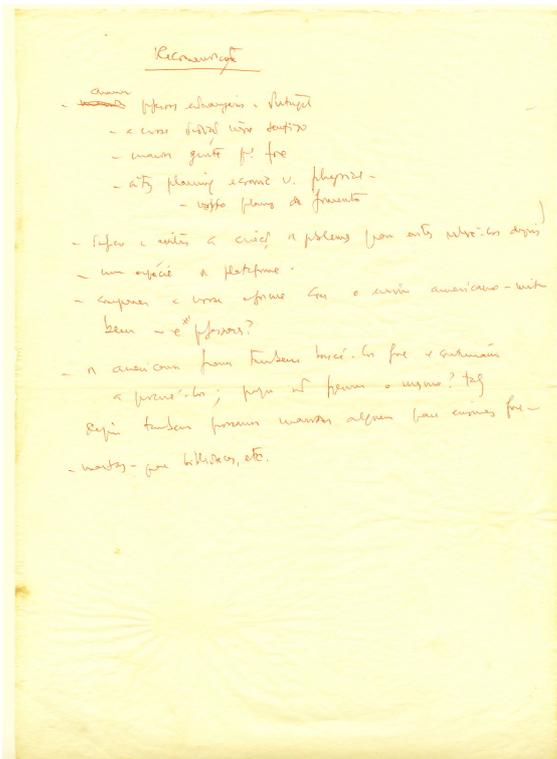
Távora está, na minha opinião, a assumir que as suas opiniões pessoais podem prejudicar a abordagem *mais científica* aos temas. Percebeu-se já que Távora fica com uma má impressão dos Estados Unidos da América, ainda assim, procurou encontrar aspectos que poderiam contribuir para o desenvolvimento português.

Numa destas muitas folhas, encontra-se uma lista de “Recomendações” que confirmam essa intenção de procura, das eventuais consequências da experiência Americana na arquitectura e urbanismo portugueses.

---

<sup>370</sup> Fig.253 e Fig.254 – “A” e “B”, Rascunho do relatório para a F.C.G., s.l., s.d., A.A.F.T.

<sup>371</sup> “3”, Rascunho do relatório para a F.C.G., s.l., s.d., A.A.F.T.



**fig.255** “Recomendações”, Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

“Recomendações

- Chamar professores estrangeiros a Portugal
- a nossa tradição nesse sentido
- mandar gente para fora
- city planning economic v. physical – nosso plano de fomento
- tráfico (evitar a criação de problemas para estar a resolvê-los depois)
- uma espécie de plataforma.
- comparar a nossa reforma com o ensino americano – muito bem – e professores?
- os americanos foram também buscá-los fora e continuaram a procurá-los; porque não fazemos o mesmo? Talvez depois também possamos mandar alguém para ensinar fora.
- massas para bibliotecas, etc.”<sup>372</sup>

A acompanhar estes resumos dos temas, estão algumas páginas com referências a documentação vária, sobretudo livros, adquiridos na viagem e ainda um esquema do mapa do mundo, com o percurso da primeira fase da viagem – Estado Unidos e México – onde se percebe o esforço de encontrar um esquema gráfico de representação, dos tipos de transporte usados entre diferentes cidades, bem como o tempo de estadia em cada uma delas.<sup>373</sup>

Juntarei todos estes elementos, como anexos, no final do capítulo.

Távora olha para este relatório da viagem como um pedagogo, que necessita de organizar a *aula* para que seja entendida pelos alunos. Esta recapitulação é importante porque permite ler, por áreas temáticas, toda a experiência e não apenas olhá-la na sua sequência cronológica.

Foi curioso perceber que Távora estruturou o seu *rascunho* do relatório, em primeiro lugar por temas e, em segundo lugar, seguindo a sequência natural da viagem e que, a interpretação do Diário nesta tese, convergiu para uma mesma lógica organizativa.

<sup>372</sup> Fig.255 – “Recomendações”, Rascunho do relatório para a F.C.G., s.l., s.d., A.A.F.T.

<sup>373</sup> “2 – A”, Rascunho do relatório para a F.C.G., s.l., s.d., A.A.F.T.

É revelador que esta viagem tenha ficado conhecida sobretudo pelas obras de Wright, pela ida ao Japão e à Grécia. A importância científica e disciplinar (nos EUA) desta viagem nunca foi muito valorizada por Távora.

É, no entanto, difícil perceber porque terá ficado mais ou menos *esquecida* esta experiência, tão importante, nas universidades e instituições americanas.

Fica-se também sem saber porque Távora não terá entregue o relatório à Gulbenkian, apesar de esta instituição o ter pedido durante o ano seguinte à viagem e, de esta entrega ser uma condicionante essencial da atribuição da Bolsa.

Acredito que esta viagem contribuiu para a (auto) definição daquilo que eram as áreas disciplinares nas quais Távora se queria mais profundamente envolver (não especializar).

Dos quatro meses da viagem, Távora passou, praticamente, três nos Estados Unidos da América. Durante todo este tempo esteve envolvido no estudo do planeamento da cidade. Esta obrigação programática, acredito, cansou-o. Talvez também por isso, a demora na elaboração do relatório. Parece-me que Távora *escolheu* não fazer investigação urbanística e que a falta do relatório, que a isso obrigaria, foi *quase* uma opção.

Távora descreve esta viagem como uma “grande experiência (conseguida?) – numa grande alt. da vida profissional.(...) – não apenas aspectos estritamente profissionais mas uma visão total.”<sup>374</sup>

Essa visão total, mas muito informada, será a sua marca, a sua característica principal em todas as suas realizações.

#### Do Diário ao Da Organização do Espaço

Foi, para mim, difícil entender porque Távora não terá entregue o relatório de viagem após tanto empenho nos seus primeiros esquemas.

Acredito, como o próprio referiu, que o seu trabalho lhe tenha dificultado a tarefa. Esta alusão de Távora à sua complicada vida profissional em conjunto com o facto de Távora ter apresentado a sua “prova de dissertação para o Concurso de Professor do 1.º grupo da Escola Superior de Belas Artes”<sup>375</sup> em 1962 e, concretamente, os temas tocados por Távora neste texto, levaram-me a levantar a hipótese de o ensaio “Da Organização do Espaço” poder conter uma *versão livre*, menos comprometida (cientificamente) do Relatório omissivo.

---

<sup>374</sup>“1”, Rascunho do relatório para a F.C.G., s.l., s.d., A.A.F.T.

<sup>375</sup> Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, *idem*, pag.9.

No prefácio da edição de 1982, por Nuno Portas, este refere que “Da Organização do Espaço” é “uma despreziosa reflexão pessoal provocada pela circunstância de um concurso académico. Por outras palavras, seria injusto exigir-lhe que fosse o resultado de um trabalho de investigação – para o qual não havia condições – ou a sistematização de uma didáctica ou sequer o momento de maturação de um pensamento e prática profissional – que só por acaso podia coincidir com a data intempestiva que impunha a sua publicação.”<sup>376</sup>

Portas, negando, está exactamente a referir a circunstância em que Távora se encontrava, após a viagem em que investigou os métodos de ensino da arquitectura e do urbanismo, em que visitou dezenas de instituições e comissões ligadas ao planeamento da cidade e após ter acumulado uma considerável bibliografia dedicada a este tema, estaria pronto a desenvolver um trabalho sobre esta disciplina.

Nuno Portas não teria conhecimento da quantidade de informação que Távora geriu na viagem e na elaboração do relatório. É possível encontrar, no rascunho do relatório, referências e citações de publicações dedicadas ao planeamento urbanístico como o “Readings in Urban Geography” publicado pela University of Chicago Press; ou a artigos publicados no “Journal of American planners”, entre muitos outros.

Távora, ao contrário do que sugeriu Portas, estaria bem informado, simplesmente, acredito agora, a sua opção, por falta de tempo ou de vontade, foi a de elaborar um ensaio e não um texto científico.

Este ensaio inclui, do meu ponto de vista, a síntese da viagem, que se pensava nunca ter sido feita. Em “Da Organização do Espaço” poderá ter *aproveitado* para rever a viagem e para a mostrar nos seus pontos essenciais. As referências à viagem, ainda que em grande número, não se assumem como consequência directa dessa experiência, ou seja, pela simples leitura do ensaio não se percebe que existe uma estrutura de pensamento, que considero, muito equivalente à do Diário e à do rascunho do relatório.

Na verdade os conteúdos deste texto de 1962 não são única e exclusivamente consequência desta viagem, as problemáticas focadas têm, como se sabe antecedentes que eram em 1960 bem conhecidos e discutidos. As participações nos CIAM, o opúsculo de 47, o inquérito à arquitectura popular, publicado em 1961, a reforma do ensino, etc. A viagem contribuiu, no entanto, para ajudar a *arrumar ideias* que, pela inexistência do relatório, são em 1962 publicadas no ensaio.

São diversas as menções directas à viagem e muitas outras referências indirectas que, agora, à luz do Diário, é possível identificar. Transcreverei de forma simples, em forma de lista, todas essas referências à viagem de 1960.

---

<sup>376</sup> Nuno Portas, Prefácio à edição de 1982, in *Da Organização do Espaço*, *idem*, pag.VII.

(pag.17) WoDeCo;

(pag.18) “O decoro é o que se deixa de fazer” foi a frase usada para criticar a arquitectura de Paul Rudolph;

(pag.18) Estradas e auto-estradas, seus perfis e relações;

(pag.23) “uma forma só poderá compreender-se vivendo-a, bem como à sua circunstância e não apenas ouvindo descrições a seu respeito ou consultando suas reproduções. É verdade que esta é uma posição um tanto teórica na medida que é impossível reconstituir a circunstância de cada forma, mas mesmo assim é uma posição na qual convém atender pois que, embora limite inatingível de um modo quase geral, indica pelo menos um caminho a seguir para uma melhor compreensão das formas que aos nossos olhos se apresentam”, justificação da viagem;

(pag.23) “que mundos diferentes de circunstância significam, por exemplo, as cidades de Nova Iorque e Tehotihuacan, as pirâmides do Gizeh e o palácio de Katsura, Versalhes e a Acrópole de Atenas”, os exemplos usados, com excepção de Versalhes, fazem parte do itinerário da viagem);

(pag.30) Sociedade americana;

(pag.31) Estados Unidos da América;

(pag.33) “A época do «señorito satisfeito» terminou ou existe ainda em sectores que vivem em regime de artificial felicidade;” está implícita a crítica aos EUA;

(pag.34) “da descontinuidade e da desordem do espaço contemporâneo”, a crítica ao caos do espaço urbano foi uma constante na visita às grandes cidades;

(pag.35) “Em primeiro lugar o seu volume (Tóquio e Nova Iorque ultrapassam já os oito milhões)” (...) “mobilidade que o homem hoje adquiriu” (...) “Impressiona, ao percorrer as cidades norte-americanas, porventura as mais típicas do homem ocidental contemporâneo, a descontinuidade do seu espaço organizado”;

(pag.36) “ilusórias «casas com jardim» dos subúrbios; a sua saúde física e espiritual periga porque a cidade não lhe oferece normalmente condições de vida física equilibrada e o seu excessivo dinamismo cria-lhe terríveis doenças mentais”, referência a uma conversa com Ernest Liebllich “Disse-me que tem um psicanalista em Los Angeles, outro em Chicago e outro aqui em New York (os psicanalistas são uma espécie de Padres-Confessores de tipos sem religião e com dinheiro. Uma consulta em Chicago, 50 minutos, custou-lhe \$30, perto de 900 escudos!)”<sup>377</sup>;

---

<sup>377</sup> Fernando Távora, *Diário 1960*, *idem*, pag.81.

(pag.37) “Atitude de colaboração, o que pressupõe um cada vez maior número de técnicos pensando sobre um cada vez maior número de aspectos de determinado problema;”, sobre a característica pluridisciplinar da investigação urbanística;

(pag.39) “Nos Estados Unidos, país por excelência da cidade contemporânea”;

(pag.41) Reflexão e crítica à “arquitectura funcional” – Le Corbusier está subentendido;

(pag.41) Reflexão sobre o “organicismo” de Frank Lloyd Wright contrariamente ao que escreve no Diário de viagem mas, de acordo com o esboço do relatório não toma posições e assume apenas a dificuldade de actuar “em chão tão movediço” (...) “mas enquanto à vida à esperança”;

(pag.42 e 43) “Tivemos recentemente, em viagem de estudo realizada mercê de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, a oportunidade de analisar a arquitectura mais ou menos anónima que se faz por esse mundo e verificámos que o caos é igual, praticamente, em Karachi ou Tóquio, em Detroit ou na cidade do México, no Cairo ou em Bangkok, contra o que muitas vezes se pensa através da consulta das revistas profissionais que nos deixam supor que «lá por fora» imperam a ordem e a qualidade no espaço organizado”

(pag.44) Reflexão sobre objectos artesanais e objectos nascidos do design industrial, alusão à WoDeCo no Japão);

(pag.45) referências às diferenças de custo dos objectos produzidos pelo homem e pela máquina;

(pag.51) a necessidade de relacionar planos regionais com o plano de fomento nacional que foi discutida com o arquitecto Garces das Nações Unidas “Acontece ainda que na América do Sul o planeamento económico não é acompanhado do planeamento físico, territorial, o que constitui também um grave erro (exactamente o que acontece connosco com relação ao Plano de Fomento).”<sup>378</sup>;

(pag.51) “Eis a razão pela qual a necessidade premente de alguns planos regionais acentua a necessidade urgente de um plano nacional.”);

(pag.53) Távora fala da necessidade de dinamismo dos planos e da necessidade de existirem instituições que os acompanhem “Tais órgãos formarão como que um elo de ligação entre a realidade do plano e as realidades do aglomerado, estabelecendo entre elas as necessárias e sábias relações”;

(pag.54) “Sendo um edifício uma parte de um todo – como pode ser perfeita a parte, se o todo é deficiente? Supondo, por exemplo, que um Seagram Building é perfeito «per se», como pode considerar-se como tal numa visão de conjunto, sabendo-o situado em pleno coração de Nova Iorque e sem toda uma estrutura urbanística que um edifício desse tipo pressupõe?”;

---

<sup>378</sup> *Ibidem*, pag.79a.

(pag.67) as qualidades identificadas na boa arquitectura e no bom urbanismo, são idênticas às do Diário, “Não se deduza daqui que julguemos possível voltar ao que já foi e que, portanto e por exemplo, neguemos a necessidade de um arquitecto viajar e estudar ou que consideremos dispensável que o seu curso tenha nível universitário; parece-nos, sim, que haverá que procurar-se o essencial desse passado que recordamos com saudade e tal essencial chama-se unidade, coesão, equilíbrio, integração.”;

(pag.70) falta de comunicação e intercâmbio entre cursos superiores “os cursos das Escolas Superiores de Belas Artes e os cursos de Engenharia Civil. É impressionante, em verdade, a ausência de relações existente entre tais cursos”;

(pag.71) sugere a formação superior de urbanistas;

(pag.71) sugere também o incentivo à investigação, “Mas, para além do ensino, seu complemento, e tão indispensável como ele. Apresenta-se-nos a investigação, a arma que melhor permite detectar a intensidade e a qualidade daqueles problemas”;

(pag.75) A frase que fecha o ensaio – “Que seja assim o arquitecto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de felicidade.” – lembra, uma frase de Wright citada por Távora após a visita a Jhonson Wax – “Num folheto vem publicado um texto de Wright, a propósito do edifício que me parece indispensável transcrever; tendo-lhe sido perguntado o que ele considerava como mais importante factor na concepção do edifício, respondeu: “Os valores humanos em causa. Se conseguirmos tornar os homens e as mulheres orgulhosos do seu ambiente, e felizes por estarem onde estão e dar-lhes alguma dignidade e “pride” no seu ambiente, tudo isso se traduz na qualidade da produção”.<sup>379</sup>

Não tenho dúvidas que esta viagem de 1960 contribuiu enormemente para a construção do texto de “Da Organização do Espaço”.

É curioso perceber, por outro lado, que existem um conjunto de preocupações e de temas que estão presentes, tanto no Diário como no ensaio de 1962, mas que são também recorrentes ao longo da vida de Fernando Távora. Não será por isso completamente certo defender que o ensaio é o relatório da viagem, porque nele Távora reflectiu sobre temas que o acompanhavam desde a sua formação e nele são incluídas outras informações, como é o caso do planeamento em Portugal.

Távora tem uma visão do mundo sempre pelo prisma do homem e da terra. Esse filtro confere aos seus textos uma naturalidade e simplicidade que na realidade são difíceis de alcançar mas que reflectem a sua forma de estar na vida e na arquitectura.

---

<sup>379</sup>*Ibidem*, pag.233.

Aceitando a grande influência da viagem no ensaio “Da Organização do Espaço” que se tornou um dos seus textos de referência; esta conclusão atribui a esta viagem uma importância marcante no percurso do arquitecto Távora. Não lhe chamaria um momento de viragem, mas antes um momento em que foi possível arrumar as ideias, organizar opiniões e estabelecer critérios de importância.

O relatório desta viagem *existe* de facto na Fundação Calouste Gulbenkian, não nos seus arquivos, mas nas prateleiras da sua biblioteca.



①

## 1 - Introdução e agradecimentos

- espírito com que foi realizado - trabalho sempre presente
- dele o meu máximo
- agradecimentos - família e seu presidente
  - D. R. J. de Almeida - IAC.
  - D. H. H.
  - Sr. C. Ramos - F. M. muito em frade
  - H. H.
- a grande experiência colheu - uma grande alt. a um trabalho
- e os seus aspectos realmente técnicos mas um nível forte.
- referências ao Relatório e seguiu para ser adaptado.

fig.256 Anexo 1 - "1 - Introdução e Agradecimentos", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

2 - Objectivos e Itinerário da Viagem

- viagem com Lewis e dia e mais a promiscua
- no dia ... depois o relatório sobre este relatório à F.C.G....
- depois ... fazer levantamento de dados.
- depois ... voltar ao mundo
- depois aqui fazemos
- depois D.C.
- a principal a viagem em Washington e com a viagem
- o programa que eu tenho - o que consigo e o que não consigo - depois
  - o programa "objetivos da viagem" - esse programa a nível final - o aproveitamento a nível do Japão - em Karachi, Bangkok, Atenas e Cairo - (expensões feitas) -
  - o lim. comprado (cerca de 10.000.000)

fig.257 Anexo 2 - "2 - Objectivos e Itinerários da Viagem", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.



3. Estados Unidos da América

3.2 - Ensino - Aspectos Gerais

~~Aspectos Gerais~~ - As universidades unidas - as colleges - o J. at. veníveis  
embora o seu valor unido no ensino -

As universidades - Praxis - Praxelars - as fundação -

Bora para entrar no university - a centro que ai se forma -

Oriental para o ensino - Bauhaus - "The Architect at MIT - Cleary,  
Mentel (Dumery) no ensino no MIT.

Os institutos complementares subordinados university - o Com. de Joint  
Committee for Urban Studies, o Howard -

o Prof. de seu university e recrutamento (Tange, Rogers, Louis Sate, etc).  
o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

o Praxis a university - Com. de Howard com Prof. Cleary e Pauzismo -

fig.259 Anexo 4 - "3 - Estados Unidos da América 3.2 - Ensino - Aspectos Gerais", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

3 - Estados Unidos da América

5

3.2. - Ensino - Arquitectura

Amo de curso e tipo A cursos

O curso A MIT, por exemplo -

A importância da disciplina e dos professores e tipos / disciplinas - actas -

Porque importância dos cursos técnicos - computador.

Hardware - magnetos - software -

Research centers -

Programas - tipo e tipo A disciplinas

→ o resultado of "design" do III.

O caso de Tallieris. (ver: John Wright an alumn of uma universitat - out.  
A John Lloyd Wright - em "Architectural Design" (University of Chicago)

cas  
h-berrofe

fig.260 Anexo 5 - "3 - Estados Unidos da América 3.2 - Ensino - Arquitectura", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

3 - Estados Unidos na América

(6)

3.2. Ensino - Urbanismo

Amo d curso e tipo d curso -

O curso n MIT

As regras n alguns  
Tambem de equips e competecoes ninter a bairros e deficit

Programas tipo - (caso de Pennsylvania)

Research centers - "Joint Committee" (Harvard) - o A Pennsylvania -

O curso d "Traffic Engineering" de Yale -

CG  
bibliothé

fig.261 Anexo 6 - "3 - Estados Unidos da América 3.2 - Ensino - Urbanismo", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

3- Estados Unidos da América

(7)

3.2 - Ensino - Paisagismo

Um de seus tipos de ensino -  
A experiência do paisagismo feita na Univ. de Berkeley - o caso de  
Berkeley - aplica-se ao caso português

Professores - tipo (caso de Hawaii - Harvard)

caso Berkeley

fig.262 Anexo 7 - "3 - Estados Unidos da América 3.2 - Ensino - Paisagismo", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

Billings - auto. vazio na sede do Bryn Mawr - Grubbe - Architectural Review - livro of Architecture American (para arquitetura)  
 a compare) - sethe straight - sub trees - aut. (publicar no Rev. qum arquitetura @ News York) -

### 3 - Estados Unidos e América

#### 3.3 - Arquitetura

Pa. aipos - Federal - Chicago - Sullivan, etc. - "clássico" do séc. XX - inspiração de Washington - o monumento a Lincoln -  
 o séc. XIX - Wright - o seu interesse - o que eu vi dele - q' suas estruturas

Niz - Jefferson - Core House  
 Formas - Howard - Cooper - G. G. Johnson  
 o pinto a Universidade de Rochester

Recentes - Rudolph  
 - SOM  
 - Yamasaki  
 - ~~Frank~~ - ~~Lucien~~ - General Motors - sent - em p'prie - G. G. Johnson  
 - o caso Kahn - ~~impostor~~ ~~parcial~~

indica o que  
 o vi de cost  
 um

A expressão "five fivers" que vi em Chicago

organizados nacionais - American Institute of Architects - Pa. Taylor - o referênc  
 "The architect at the Century"  
 A exp. de S. Louis - "Ray Kappe Skyles" - "five California Architects"

fig.263 Anexo 8 - "3 - Estados Unidos da América 3.3 - Arquitetura", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

### 3. Urbanismo n América

de população alta  
(de New York) 9

#### 3.4 - Urbanismo

A cidade americana - o fenómeno do urbanismo na USA - cidades crescem e  
 recuam - o caso típico de Washington - Comentários - S. Francisco, tem excelentes espaços  
 Lo Angeles - N. York - Chicago - <sup>superior</sup> ASPO, AIP.

Planejamento e ~~desenvolvimento~~ <sup>desenvolvimento</sup> classificados n planners - os tipos n planners -  
 (harkins, farinos), etc - háffe engenheiros - campo relacionado a planejamento  
 finais n planejamento - nacional - (a preferência dada ao pessoal em oficial)  
 - regional - TUSA.  
 - New York

- local - espírito urbano - New York
- estatísticas
- New Haven - a participação  
do trabalho
- o plano de Filadélfia (ver Urbanismo)
- problemas locais - Ingleto - <sup>uma política n prática</sup> Hillcrest
- harkins - urban renewal HEA
- suburbanismo - urban development
- renewal new form -

Revisão - em New York e Washington e de um plano -

fig.264 Anexo 9 - "3 - Estados Unidos da América 3.4 - Urbanismo", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

3 - Estados Unidos da América

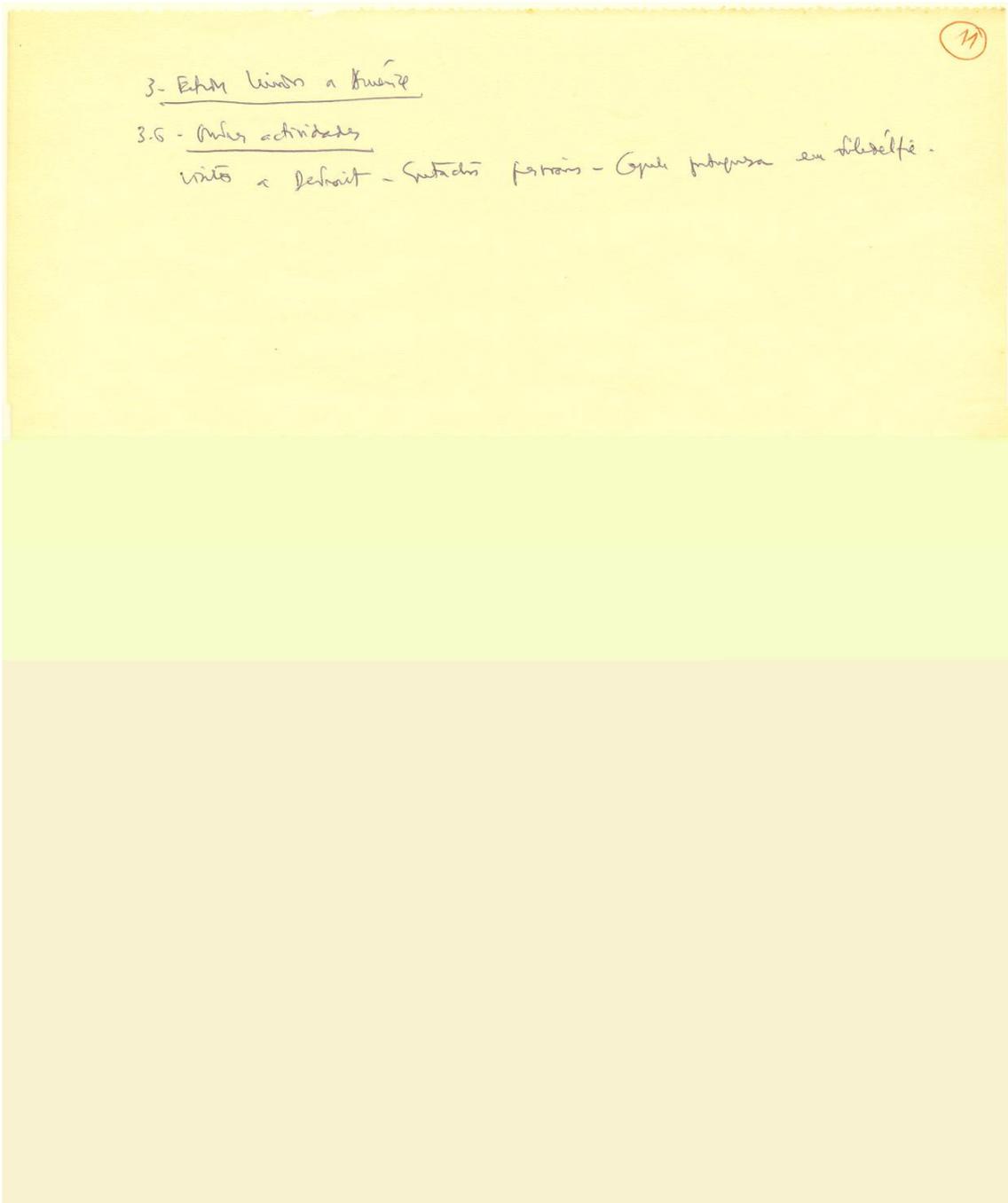
(10)

3.5 - Museus

Condiciona a forma do papel no Museu, especialmente em U.S.A.  
A maioria escrita - em croqui a cada um -

Both - o estudo por campo, em Pill de acordo com lista de museus -

fig.265 Anexo 10 - "3 - Estados Unidos da América 3.5 - Museus", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.



**fig.266** Anexo 11 - "3 - Estados Unidos da América 3.6 - Outras actividades", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

## livros

- "Local planning organizations" - pub. by International City Managers Association, Chicago.
- \* "Education for planning: city, state, and regional, by Harvey S. Berliff. Resources for the future, inc, 1140, 19th st, New Washington, DC (1957) \$3.00
- "Urban planning education in the united states", by Frederick J. Adams. Publ. by The Alfred Bettman Foundation, 312 West Ninth Street, Cincinnati 2, Ohio.
- \* "Anatomy of a city", by Robert A. Walker, University Press.
- "The planning function in Urban Government", by Robert A. Walker, University Press, Chicago, Ill. - 1950 (110 pp.) - \$5.50
- \* "The last reaches of city district laws" - University Press
- \* "Principles of Rural-Urban Sociology" by P.A. Sorokin and Carl C. Zimmerman-Nyren, Hessay & Company, Inc, 1929
- \* "A systematic source book in rural sociology", by P.A. Sorokin, C.C. Zimmerman and C.J. Galpin, University of Minnesota Press, 1930
- \* "Our cities; their role in the national economy" - National Resources Committee, Government Printing Office, Washington, 1937
- \* "Rural sociology", by J.M. Gillette, The Macmillan Company, N.Y., 1936
- \* "Cities and society", - The revised reader in urban sociology, edited by Paul Hatt and Albert Reiss, The Free Press, Glencoe, Illinois.
- superficial or sp. Kennedy
- \* "Highways in our national life" - edited by Jean Labatut and Wheaton J. Lane, Princeton, New Jersey, Princeton University Press; 1950
- "America as a civilization" - by Max Lerner

fig.267 Anexo 12 - "Livros", Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.

1920  
~~Reading in urban geography~~  
 \* "Readings in urban geography" - The University of Chicago Press, Chicago, 37  
 "Urban society" - ~~Walter Pitts~~ ~~and~~ ~~Albert~~ ~~and~~ ~~Frank~~ ~~and~~ ~~Howell~~ 1926 (583 pp)  
 "Elmer T. Peterson - "Cities are abnormal" - University of Oklahoma Press, 1946 (263 pp)  
 "The American City" - ~~Editor~~ Stuart Alfred Queen and David Bailey Carpenter - Mc  
 Graw Hill, N York, 1933 (883 pp)  
 "Why families move" - Peter Henry Rossi - Free Press, Glencoe, Ill - 1957 (200 pp)  
 "Sociology of urbanisation, a study in rural society" - Thomas Earl Fullenger -  
 Ann Arbor, Michigan, Braun - Brownfield, 1915 (259 pp)  
 "Urban land uses, amounts of land used and needed for various purposes by  
 typical American cities" - Harland Bartholomew - Cambridge, Harvard University  
 Press, 1932 (174 pp)  
 "Time for planning" - by Lewis L. Lorwin - Dwyer & Brothers Publishers - New York,  
 1945 - (NAC 7070 L 891 in N/1291)  
 "Land & Landscape" - by Brenda Colvin - John Murray, ~~London~~ Albemarle  
 Street W, London (1947)  
 "Geomorphology" - by Norman E. A. Hinds, New York, Prentice-Hall, inc, 1943  
 "The new landscape" by Jerry Kepp  
 "The population of the United States" by Donald J. Bogue / Free Press of Glencoe,  
 Illinois, #17.75 (unpublished, in use!)  
 - "The land of Britain, its use and misuse" by L. Dudley Stamp  
 London, Longmans, Green and Co., Ltd. 1948  
 "The land of Britain" - ~~London, Longmans, Green and Co., Ltd. 1948~~  
 "The land of Britain" - ~~London, Longmans, Green and Co., Ltd. 1948~~

fig.268 Anexo 13 - "Livros"(a), Rascunho do relatório para a F.C.G, A.A.F.T.



## Epílogo

No desenvolvimento deste trabalho pude perceber a urgência de criar um efectivo arquivo do espólio do arquitecto Fernando Távora. Variadíssimos documentos a que Távora se refere no Diário, e que não consegui encontrar, podem estar entre muitos outros que fazem parte do extenso material (em bruto) que aí existe.

Seria conveniente encontrar uma equipa capaz de organizar tanta informação, que, a ser manuseada sem os devidos cuidados, se degradará com o tempo. O simples trabalho de encontrar um método para compor e catalogar o espólio seria um interessante e enorme trabalho de investigação.

Quanto ao estudo da vida e obra do arquitecto Távora, muita outra informação poderá ser tratada e investigada. Acredito que num possível desenvolvimento deste trabalho, pudesse explorar as relações da viagem com as suas obras ou, por exemplo, estudar por comparação, os diferentes diários de Távora, procurando entender de que modo esses textos reflectem os diferentes períodos da vida do arquitecto, e a sua relação com a arquitectura (e urbanismo).

Deixo, por agora, uma frase e um poema que descobri durante a elaboração deste trabalho e que, não se referindo a Távora, são para mim, o reflexo e a sombra do arquitecto português mais incontornável do séc. XX.

“No coração de qualquer povo, do povo ainda não totalmente “civilizado”, existe sempre um Wright, quer dizer, existe em potência o homem e o artista de sempre, aquele que a história regista e os livros guardam! – quer no modo de sentir e pensar, quer no engenhoso processo de construir a sua própria “concha”.”<sup>380</sup>



**fig.269** slide, sombra de Távora, A.A.F.T.

---

<sup>380</sup>Januário Godinho, “Frank Lloyd Wright”, in *Arquitectura*, nº67, Lisboa, 1960, pag.6.

## NEM SEMPRE SOU IGUAL

“Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.

Mudo, mas não mudo muito.

A cor das flores não é a mesma ao sol

De que quando uma nuvem passa

Ou quando entra a noite

E as flores são cor de sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.

Por isso quando pareço não concordar comigo,

Reparem bem para mim:

Se estava virado para a direita,

Voltei-me agora para a esquerda,

Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés –

O mesmo sempre, graças ao céu e à terra

E aos meus olhos e ouvidos atentos

E à minha clara simplicidade de alma...”<sup>381</sup>

O arquitecto Fernando Távora morreu no dia 3 de Setembro de 2005 a sua influência perdurará para sempre na arquitectura Portuguesa.

---

<sup>381</sup>Alberto Caeiro, “XXIX – Nem Sempre Sou Igual”, in *O Guardador de Rebanhos*, 1911-1912

## BIBLIOGRAFIA

- AALTO, Alvar, SCHILDT, Göran, *Sketches Alvar Aalto*, Cambridge, Mass, MIT Press, 1985.
- AAVV, *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, n.º 3 e 4, Lisboa, Abril de 1953.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 63, Lisboa, 3.ª série, Dezembro, 1958.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 64, Lisboa, 3.ª série, Janeiro – Fevereiro, 1959.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 66, Lisboa, 3.ª série, Novembro – Dezembro, 1959.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 67, Lisboa, 3.ª série, Abril, 1960.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 71, Lisboa, 3.ª série, Julho, 1961.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 79, Lisboa, 3.ª série, Julho, 1963.
- AAVV, *Arquitectura*, n.º 127/128, Lisboa, 3.ª série, Abril e Junho, 1973.
- AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Sindicato Nacional dos Arquitectos, 2 volumes, 1961.
- AAVV, *Catálogo de Exposição Fernando Távora*, Exposição itinerante, organização: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, associação primeiro andar \_escola técnica superior de arquitectura da Coruña, asociación primeiro andar \_Colexio Oficial de arquitectos de Galicia, Fevereiro, 2002.
- AAVV, *DPA 14 Távora*, Revista del Departament de Projectes Arquitectònics de la Universitat Politècnica de Catalunya, DPA-UPC, Barcelona, 1998.
- AAVV, *Erik Gunnar Asplund, 1885-1940*, catálogo de exposição, Organización: Dirección General para la Vivienda y Arquitectura, Edita: Secretaría General Técnica, Centro de Publicaciones Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, 1987.
- AAVV, *Fernando Távora*, Lisboa, Editorial Blau, 1993.
- AAVV, *Le Corbusier Il viaggio in Toscana (1907)*, Veneza, Cataloghi Marsilio, 1987.
- AAVV, *Lotus International, L'occhio dell'architetto*, n.º 68, Milán, Electa, Marzo, 1991.
- AAVV, *Nu – Viagens*, n.º 15, Coimbra, Nuda/Aac, Dezembro, 2003.
- AAVV, *RA*, revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano I, n.º 0, Outubro, 1987.
- ABREU, A. Barbosa de, “Planificação Territorial e Planificação Económica”, in *RUMO*, Revista de Problemas Actuais, Ano III, n.º 30, Lisboa, Editorial Aster, Agosto 1959.
- ABREU, A. Barbosa de, “Aspectos da Planificação em Portugal”, in *RUMO*, Revista de Problemas Actuais, Ano III, n.º 32, Lisboa, Editorial Aster, Outubro 1959.
- ASPLUND, Erik Gunnar, *Escritos 1906/1940, Cuaderno de Viaje 1913*, Madrid, El Croquis Editorial, El Escorial, 2002.
- AUZAS, Pierre-Marie, *Viollet-Le-Duc: 1814 – 1879*, Paris, Caisse Nationale des Monuments Historiques et des Sites, 1979.

BANDEIRINHA, José António, *Quinas Vivas*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1993.

BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Dissertação de Doutoramento, Coimbra, 2001.

BESSA-LUÍS, Agustina, *Breviário do Brasil*, 1ª ed., Porto, ASA, 1991.

BUISSON, Dominique, *L'Architecture Sacrée au Japon*, Paris, ACR Edition, 1989.

CALDENBY, Claes, HULTIN, Olof, *Asplund*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1988.

COSTA, Alexandre Alves, *Dissertação*, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da ESBAP, 1982.

ENGEL, Heinrich, *The Japanese House, A Tradition For Contemporary Architecture*, Rutland, Vermont and Tokyo, Japan, Charles E. Tuttle Company, 1964.

ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, FERNANDO TAVORA, opera completa, Milano, Mondadori Electa, 2005.

FERNANDEZ, Sergio, *Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, Porto, Edições da FAUP, 1985.

FIGUEIRA, Jorge, *Escola do Porto Um Mapa Crítico*, Coimbra, Edições do Departamento de Arquitectura, FCTUC, 2002.

FORD, Edward R., *The Details of Modern Architecture, volume 2: 1928 to 1988*, Cambridge, London, England, The M.I.T. Press, 1996.

FRECHILLA, Javier, "Conversaciones en Oporto/Fernando Távora", in *Arquitectura*, Revista do Colégio Oficial dos Arquitectos de Madrid, nº.261, Madrid, 1986.

GOETHE, Johann W., *Viagem a Itália*, Lisboa, Relógio D'água Editores, 2001.

GRESLERI, Giuliano, *Le Corbusier Viaggio in Oriente*, Paris e Veneza, Fondation Le Corbusier, Marsilio Editori, 1ªed., 1984.

JOHNSON, Eugene J., LEWIS, Michael J., *Drawn From The Source: The travel Sketches of Louis Kahn*, Cambridge, Massachusetts and London, England, Library of Congress Cataloguing, The MIT Press, 1996.

LE CORBUSIER, *Les Voyages d'Allemagne : carnets ; Voyage d'Orient : carnets*, Milano, Electa Architecture, 2002.

LYNCH, Kevin, *THE IMAGE OF THE CITY*, Cambridge, Massachusetts, and London, England, The M.I.T. Press, Massachusetts Institute of Technology, 1960

MANSILLA, Luís, *Apuntes de viaje al interior del tiempo*, Barcelona, Colección Arquíthesis, núm.10, Edición – Fundación Caja de Arquitectos, 2002.

MATOS, A. Campos, *Algumas Considerações sobre Problemas da Arquitectura Portuguesa*, Oficinas do Comércio, Póvoa do Varzim, 1959.

MIDANT, Jean Paul, *Au Moyen-Âge avec Viollet-Le-Duc*, Paris, Parangon, L'Aventurine, 2001.

- PINTO, Luís Fernandes, "O momento actual da evolução americana", in *Arquitectura*, n.º65, Lisboa, 1959.
- PORTAS, Nuno, COSTA CABRAL, Bartolomeu, "O Novo Conjunto Habitacional da Pasteleira", in *Arquitectura*, n.º69, Lisboa, 1960.
- RÓMAN, António, *EERO SAARINEN, An Architecture of Multiplicity*, London, Laurence King Publishing, 2002.
- SALAZAR, Abel, *Que é a Arte?* (1ªed. 1940), Porto, Obras Completas de Abel Salazar, Volume V, Campo de Letras, 2003.
- TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto, 1ª ed. Edições Curso de Arquitectura da ESBAP, 1962.
- TÁVORA, Fernando, "Entrevista", in *Arquitectura, Arquitectura Planeamento Design Artes Plásticas*, n.º.123, Lisboa, Edições ICAT, Set-Out, 1971.
- TÁVORA, Fernando, "O Porto e a Arquitectura Moderna", in *Panorama*, n.º 4, Lisboa, 1952.
- TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço*, Porto, Edição do Concelho directivo da FAUP, FAUP publicações, 1993.
- TÁVORA, Fernando, *O problema da casa Portuguesa*, Lisboa, Cadernos de Arquitectura N.º1, Editorial Organizações, Lda., 1947.
- TOSTÕES, Ana, "Depois do Congresso", in *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP Edições, 1997.
- WINTER, Karin, "Viaje a Itália", in *Erik Gunnar Asplund, 1885-1940*, catálogo de exposição, Organización: Dirección General para la Vivienda y Arquitectura, Edita: Secretaría General Técnica, Centro de Publicaciones Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, 1987.
- ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, volume I, Editora Arcádia, 1972.